



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS III – GUARABIRA**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**NATÁLIA TALISSA SILVA ARAÚJO**

**QUEBRANDO O SILÊNCIO: NOTAS SOBRE *CELIE EM A COR PÚRPURA*, DE  
ALICE WALKER**

**GUARABIRA  
2019**

**NATÁLIA TALISSA SILVA ARAÚJO**

**QUEBRANDO O SILÊNCIO: NOTAS SOBRE CELIE EM A *COR PÚRPURA*, DE  
ALICE WALKER**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras em Inglês.

Orientador: Profa. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658q Araujo, Natalia Talissa Silva.  
Quebrando o silêncio [manuscrito] : notas sobre Celie em A cor púrpura, de Alice Walker / Natalia Talissa Silva Araujo. - 2019.  
22 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Desigualdade de gênero. 2. Subalterno. 3. Mulher negra. 4. A Cor Púrpura. I. Título  
21. ed. CDD 323.34

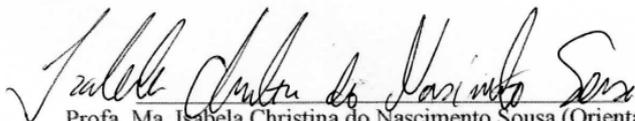
NATÁLIA TALISSA SILVA ARAÚJO

**QUEBRANDO O SILÊNCIO: NOTAS SOBRE CELIE EM A COR PÚRPURA,  
DE ALICE WALKER**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura Plena em Letras Inglês, da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito para obtenção do título de  
Licenciado em Letras em Inglês.

Aprovada em: 07/06/2019.

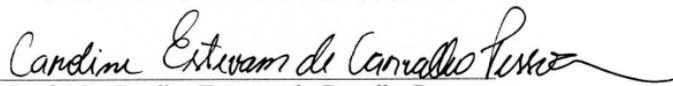
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Caroline Estevam de Carvalho Pessoa  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus toda minha gratidão por se fazer presente em cada momento.

À minha orientadora Isabela Christina por todo empenho, apoio e comprometimento.

À Caroline por guiar-me aos primeiros passos para este artigo, com todo seu carisma e atenção.

Aos meus pais, Maria das Dores e Francisco Moreira, meus mais sinceros agradecimentos por todo amor, esforço, e por estarem sempre ao meu lado, conduzindo-me e apoiando-me para o melhor caminho.

Ao meu sobrinho Ravi, responsável por aliviar todo o estresse do dia a dia e por ser uma das principais razões da minha felicidade.

À minha maior aliada, minha irmã Mayara Dayane pelo cuidado, por cada momento que me deu força e pela colaboração.

Ao meu amado esposo por toda dedicação, contribuição e carinho. Para a realização deste trabalho.

Agradeço especialmente a minha irmã do coração, Paloma Bruna pela fiel amizade, por me impulsionar, pelo grande incentivo e pela companhia diária ao longo do período acadêmico.

Ao meu primo Alexandre por toda dedicação e paciência.

Acredito que esta conquista não seja só minha, mas de todos que estiveram ao meu lado durante o percurso do curso e deste trabalho.

**OBRIGADA!**

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 DELINEANDO CELIE JOHNSON</b> .....	7
<b>3 A REPRESENTAÇÃO DA DIMINUIÇÃO DA MULHER: CELIE NAS CURVAS DAS DISPUTAS DE GÊNERO</b> .....	10
<b>3.1 Preconceito e exclusão: ser mulher, ser negra, ser pobre</b> .....	15
<b>4A HISTÓRIA DE UMA OPRIMIDA À CONTRAPELO</b> .....	17
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	19
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	20

## QUEBRANDO O SILÊNCIO: NOTAS SOBRE CELIE EM A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER

Natália Talissa Silva Araújo\*

Orientador: Profa. Ma. Isabela Christina do Nascimento

Sousa\*\*

### RESUMO

Este trabalho pretende levantar uma discussão sobre a condição da mulher, principalmente a mulher negra no século XX, e analisar sua vida de opressão, exclusão e desigualdade de gênero e étnico-racial, observados a partir da protagonista Celie Johnson, no romance de Alice Walker, *A Cor Púrpura* (1982). Neste estudo observaremos na obra o percurso de subalternidade (SPIVAK, 2010) da personagem, uma mulher pobre, negra, submissa e analfabeta, que é abusada sexual e psicologicamente desde sua adolescência. Exibiremos sua história partindo das situações que a personagem enfrentou: sofrimentos, lutas, silenciamentos e exclusão na sociedade culturalmente machista em que Celie vive. Para realização desta pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, utilizamos textos de: Spivak (2010), Beauvoir (2009), Benjamin (1987), Bordieu (2002), Isik (2017), como forma de amplificar os conhecimentos para a realização deste trabalho. Desta forma, como resultado, notamos que a subalternidade de Celie fez com que ela vivenciasse diversas formas de dominação, mas mesmo diante dos silenciamentos sociais ela nos mostra que há sim como encontrar formas “subversivas” para se fazer ouvir.

**Palavras-chave:** Desigualdade de gênero. Subalterno. Mulher negra. *A Cor Púrpura*.

### ABSTRACT

This work intends to raise a discussion about women's condition, mainly the black woman in the twentieth century, and to analyze the life of oppression, exclusion, gender and ethnic-racial inequality, from the observation of the protagonist Celie Johnson in Alice Walker's novel *The Color Purple* (1892). In this study, we observe the path of subordination of the female character; a poor, black, submissive, illiterate woman, who has been sexually and psychologically abused since her adolescence. We expose her story focusing on the situations that the character has gone through: suffering, silencing, struggles and exclusion by the culturally sexist society. For the execution of this qualitative bibliographical research, we use the studies of Spivak (2010), Beauvoir (2009), Benjamin (1987), Bordieu (2002), Isik (2017), in order to expand the knowledge and to the accomplishment of this work. Thus, as a result of this research, we noticed that Celie's subalternity made her experience many forms of domination, but even in face of social silencing, she showed us that there are subversive ways to make one's voice be heard.

**Keywords:** Gender inequality. Subaltern. Black woman. *The Color Purple*.

## 1 INTRODUÇÃO

Sabendo-se que as diferenças entre os gêneros são notadas desde muitos anos atrás e persistentes até os dias atuais, estando os homens ao que parece um passo à frente do sexo feminino não só na vida privada, mas também no campo político e econômico, percebemos o poder de dominação da classe masculina de forma cultural. Devido a isto, as mulheres vivem submissas ao sexo oposto, e esta obediência faz com que elas não questionassem durante muito tempo vale ressaltar que muitas atitudes femininas já foram tomadas para que esta problemática tome um rumo diferente. No entanto, notamos que essas lutas pelo espaço feminino têm tido resistências, pois sabemos que há muitos anos as mulheres são violentadas, silenciadas e maltratadas, vivendo em uma sociedade ditada por regras, determinadas na maioria das vezes por homens tendo como resultado destas violências a causa dos assassinatos de muitas mulheres, o que deu origem ao termo feminicídio<sup>1</sup>, como vemos nas redes sociais e até nos noticiários; estes casos são crescentes no decorrer dos anos.

Neste trabalho, temos como objetivo geral, analisar o processo de subalternidade da personagem a partir dos conflitos raciais e de gênero, e como objetivos específicos discorrer em linhas gerais sobre a historicização do silenciamento da mulher negra, enfrentado pela personagem Celie Johnson através da narrativa epistolar, assim investigar como as tensões raciais e de gênero se materializam no enredo de *A cor púrpura*. Para isto, observamos a inferioridade do sexo feminino na sociedade machista, que estão intrinsecamente materializados na narrativa da personagem. Para reforçar o entendimento desta opressão no capítulo dois delineamos a vida de Celie, em seguida, explanamos os preconceitos e discriminações vivenciados pela personagem legitimados no romance. Por fim, notamos o racismo presente em toda a narrativa, dando vazão a uma história a contrapelo, pois acreditamos ser de extrema importância expor a partir do ponto de vista dos oprimidos, antes subalternizados.

Aqui, neste trabalho, compartilhamos da visão de Celie para compreender melhor o que aconteceu na vida da mulher negra do século XX, levando em consideração que as questões de gênero, preconceito racial e exclusão social atuam até hoje na vida da mulher. Desta forma, este trabalho concentra-se em uma pesquisa exploratória e bibliográfica de caráter qualitativo do romance *A cor púrpura* (1982), que expõe questões culturais cotidianamente vivenciadas na

---

<sup>1</sup> O que é feminicídio. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

humanidade, relacionadas às desigualdades sociais, trabalhando principalmente a condição da mulher negra no século XX, trouxemos informações juntamente com teorias a respeito das condições das mulheres oprimidas e excluídas do âmbito social de forma que seja possível a compreensão do percurso que as mesmas atravessaram; em seguida, abordamos a dominação masculina sobre o sexo feminino, assim como também, mostramos as consequências dessa dominação e as diversas violências e subordinações que a mulher negra sofre.

O trabalho divide-se em 4 partes, a introdução e mais três tópicos. No 2 expomos a situação da personagem analisada, Celie Johnson e apresentaremos um breve resumo de seu trajeto submisso. No 3 observamos, de acordo com a obra, a diminuição do sexo feminino diante as desigualdades de gênero, assim, compartilhamos com este, o subcapítulo 3.1, onde discorreremos o preconceito social com a classe discriminada, relacionados à raça, gênero e condições de pobreza frequentemente encontrados na obra de Walker. Por fim, no capítulo 4 observamos o trajeto de uma história à contrapelo, observando a forma que Celie expõe na narrativa sua vida subalterna. Para este efeito recorreremos a teorias de Walter Benjamin (1987) de pensar a versão dos oprimidos a partir do seu conceito de história, como também analisaremos a possibilidade de fala do subalterno a partir de Spivak (2010), Bourdieu (2002) sobre o conceito de dominação, Beauvoir (2009) sobre as diferenças de gênero, Isik (2017), sobre feminismo negro. Além destes, também faremos o uso de alguns artigos acadêmicos para maior aprofundamento, e forma de reforçar os conhecimentos, como Schubert (2009) e Ferguson (1991) sobre o conceito de beleza, citado também neste trabalho, Sedrins, Sibaldo e Lima (2005) sobre raça; e Soares (2012) sobre as teses do conceito de história.

Desta forma, enxergamos que a submissão da personagem Celie no romance de Walker, *A cor púrpura* (1982), traz exemplos para uma compreensão abrangente das relações desiguais, preconceituosas e racistas que a perseguiam. Além disso, como a literatura parte da sociedade e faz críticas e comentários sobre ela. Assim, compreendemos um espectro da sociedade sexista na obra *A Cor Púrpura*, tendo como foco a personagem Celie, observamos suas submissões, silenciamento social, seus caminhos e descaminhos. Para assim entendermos como a literatura é metáfora de cenas vividas todos os dias. Que mesmo que o livro tenha sido lançado na década de 80 ele se faz atual ao perceber-se a vida das oprimidas; as dominações masculinas sobre as mulheres, ainda mais as mulheres negras.

## **2 DELINEANDO CELIE JOHNSON**

No ano de 1982, a escritora Alice Walker escreveu o livro *A cor púrpura*. Neste livro podemos encontrar diversos personagens e diversos contextos sociais. Da autora, esta é a obra mais famosa, a qual também ganhadora de um Pulitzer no ano seguinte de sua publicação, além de ter tido adaptação fílmica lançada no ano de 1985 dirigida por Steven Spielberg, o qual teve como principais atores Whoopi Goldberg, Danny Glover, Oprah Winfrey e outros<sup>2</sup>.

Nos atentaremos aqui a uma crítica de não resistência ao machismo, como também ao racismo. Dessa forma, temos Celie como personagem principal, representando diversos grupos discutidos até os dias de hoje: os oprimidos, silenciados, marginalizados, tendo como foco a mulher e, em especial, a mulher negra. Esta é uma história marcada por exclusão social, racismo, opressão, injustiça, onde a personagem narra sua trajetória de sofrimento e submissão aos seus dominadores (padrasto e esposo).

Para analisar a obra é importante compreender um pouco sobre a contextualização histórica em que ela se insere, como também compreender a historicidade da mulher, em especial a negra. Assim, a narrativa explana questões de desigualdade, relatadas centralmente na vida de Celie Johnson.

Podemos enxergar a personagem como representação de uma classe de sujeito oprimido: mulher, negra, pobre e fora dos padrões de beleza, além de ter em seu íntimo uma sexualidade considerada desviante, relatando uma vida de opressão e de sofrimento diante da dominação masculina e preconceitos comuns ao Sul dos Estados Unidos, assim, retrata também a realidade de outros países e expõe por meio da trajetória de Celie, o que a mulher negra passou. Segundo Lobo (1990): “O resultado da opressão sentida pela negra durante a escravatura, vendida como gado em praça pública, a fez começar a desenvolver um conceito depreciativo de si mesma, não só como mulher, mas também como ser humano” (*apud* SEDRINS, SIBALDO e LIMA, 2005, p. 2). Deste modo, de acordo com a citação de Lobo (1990), retirada do artigo *As relações entre gênero em A Cor Púrpura*, percebemos mais uma vez que, a maior parte da sociedade ainda traz (pré) conceitos do tempo da escravatura, tratando a mulher negra com intolerância e desigualdade, fazendo-a excluída e inferiorizada. Um exemplo disso é a personagem analisada no romance, Celie.

A história de Celie, contada de forma epistolar, nos mostra que desde muito nova esta é abusada pelo seu padrasto, o qual ela acredita ser seu pai: “Ele nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim. Só falava Você vai fazer o que sua mãe num quis” (WALKER, 2018, p. 9). Aos

---

<sup>2</sup>Ficha técnica disponível em: <<https://filmow.com/a-cor-purpura-t4138/ficha-tecnica/>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

14 anos tem seu segundo filho que, assim como o primeiro, foi tomado pelo seu padrasto logo após o parto, não deixando pistas de onde estariam. Celie passou por todas estas situações sendo oprimida (calando sua voz, a qual só se “ouvía” a partir de suas cartas-fuga para Deus), pois assim como nos afirma Spivak (2010) “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de propriedades globais” (2010, p. 126), e como objeto sem valor, a personagem foi silenciada por seu padrasto: “É melhor você não contar para ninguém, só pra Deus. Isso mataria sua mamãe” (WALKER, 2018, p. 9).

Após a morte de sua mãe, a personagem fica apenas aos cuidados de seu padrasto, que a entrega a um casamento arranjado com um viúvo chamado Albert, a quem ela conhece por “Sinhô”. Desde muito cedo ela tem sua trajetória liderada por outros: antes pelo padrasto, depois pelo esposo, tornando-se escrava de seu casamento, onde vive servindo ao marido e aos filhos dele. Estes fazem da sua vida uma história cruel, carregada por tristeza: violentada, oprimida e excluída, como podemos observar na narrativa:

Eu passei o dia do meu casamento correndo do minino mais velho. Ele tem doze ano. A mãe dele morreu nos braço dele e ele num quer nem escutar falar em uma nova mamãe. Ele pegou uma pedra e rebentou minha cabeça. O sangue correu todo encima de mim, no meus peito. O pai dele falou Num faça isso! Mas foi tudo que ele falou. Ele tem quatro criança, e não três, dois menino e duas minina. O cabelo das mininatum viu pente desde que a mãe morreu. Eu disse queu vou ter que cortar tudo. Pracumeçar a crescer de novo. [...] Então depois que eu fiz um curativo na minha cabeça do melhor jeito queu pude, eu cuzinhei o jantar. [...] E comecei tentar disimbaraçar o cabelo. Elas só temoite e seis ano e choraram. Elas gritaram e disseram queutava querendo matar. Acabei lá pras dez hora. Elas choraram até durmir. Mas eu num chorei. Eu fique lá pensando na Nettie quando ele tava encima de mim (WALKER, 2018, p. 24-25).

Percebemos aqui que Celie sai da casa de seu padrasto para levar uma nova vida, porém não menos difícil do que a que ela tinha, visto que o primeiro dia que vai para casa de Sinhô já é mal recebida por um de seus filhos e este comportamento é aparentemente de pouca importância para Albert. Logo em seguida notamos que Celie começa trabalhara partir do momento que chega. Podemos imaginar que Albert tenha casado com Celie só pelo fato de ter alguém que ajude com as necessidades domésticas e com as crianças, além disso, ainda a tenha como objeto sexual.

Celie não possui emancipação. Levava uma vida marcada por desafetos, opressões, violência, degradação e além destes, a submissão aos homens que há muito a dominaram, não encontrando solução para mudar seu destino ela aceita esta tortura que lhe aprisiona, comprovando isto quando diz: “Eu num brigo, eu fico onde me mandam. Mas eu tô viva”

(WALKER, 2018 p, 36), constatamos nesta citação retirada do livro de Walker, que a protagonista se mostra ser obediente a quem está no controle de sua vida (Sinhô), tendo como única explicação para este comportamento o fato de se manter viva.

Como forma de reivindicação em prol daqueles que não são vistos com sensibilidade, ou seja, os que ocupam um espaço de subalternização na sociedade. Walker nos relata a partir da personagem principal, a história de Celie e vai dando espaço para que a personagem narre sua história de inferiorização e por meio desta narrativa possa também expressar seus sentimentos e mostrar a dor dos oprimidos, que geralmente são esquecidos e silenciados, visto que pelo mesmo fato de serem esquecidos não teriam direito de contar sua história, assim sendo contada na grande parte dos casos pelos opressores. Desta maneira, os que dominam expõem seu ponto de vista e ocultam a versão do subgrupo, tornando-os silenciados, o que Walter Benjamin (1987) já tinha observado quando afirmou que a história foi, durante tempos, contada apenas a partir do ponto de vista dos vencedores. Celie Johnson é então silenciada no enredo, mas ganha voz através do romance de Walker.

A estudiosa Spivak, em sua tese *Pode o Subalterno Falar?* (2010) defende a voz dos subalternos, estes sujeitos silenciados socialmente. É sabido que existem diversos tipos de dominadores e dominados e nós teremos aqui o poder masculino sobre o ser feminino. Spivak explica: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 66), então assim podemos pensar que Celie, mulher, negra e pobre seria uma subalterna que está diminuída em uma sociedade, por fazer parte de um grupo discriminado.

*A cor púrpura* é uma história sendo contada por Celie, uma pobre, analfabeta, negra e submissa, ou seja, alguém que não podia contar, nem tinha direito de contar, pela ótica tradicional, o que deveria ser uma história oculta. Uma pessoa excluída que a sociedade e a história dominante esconderam e esconderiam novamente para que estas questões não fossem expostas, dando vazão ao que Benjamin chama de “escovar a história a contrapelo” (1987, p 225), assim, indo contra a tradição da escrita dominante, dando voz libertária aos silenciamentos da história.

### **3A REPRESENTAÇÃO DA DIMINUIÇÃO DA MULHER: CELIE NAS CURVAS DAS DISPUTAS DE GÊNERO**

Levando em consideração que há uma submissão das mulheres em detrimento dos homens, percebemos discursos e observamos como estas mulheres se tornaram subalternas;

para tanto, nos questionamos se estas têm direito à fala na construção de sua própria história. Assim sendo, há uma perspectiva de que em *A cor púrpura* pode-se analisar a representação do sujeito mulher, principalmente na década de 80, mas fazendo relações com o século XXI, observando as problemáticas das quais o subalterno se encaixa, focando na questão da subjugação feminina: “Pode o Subalterno Falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão mulher parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p. 85). Assim, compreendemos que sexo feminino se coloca ainda mais encaixado na margem da submissão. Quando a teórica defende que a mulher sendo negra e pobre tem uma carga ainda maior, podemos relacionar a vida da nossa personagem analisada, Celie.

Ao analisar *A Cor Púrpura*, primeiramente precisamos perceber que Celie, narradora do romance epistolar, teve dois relacionamentos de caráter abusivo, como com o padrasto, citado anteriormente, e com seu esposo, ao qual chama de Sinhô. O segundo reforça constantemente a condição de inferioridade de Celie através de representações de grupos minoritários: “Quem você pensa que é? ele falou. Você num pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher, vá pro diabo, ele falou. Você num é nada” (WALKER, 2018, p. 242), aqui fica perceptível a tentativa de destituir qualquer tipo de poder da personagem pelo seu algoz, quanto a sua incapacidade de controle, pois esta não pode amaldiçoar ninguém, e este verbo pressupõe poder, o qual ela não possui.

Esse tipo de agressão é recorrente no romance partindo dos homens que subjagam Celie, como seu padrasto e seu esposo. Podemos observar neste trecho em que seu padrasto a descreve para Sinhô: “Ela é feia, ele fala, e num instranha trabalho duro. E é limpa. E Deus já deu um jeito nela. O senhor pode fazer tudo como o senhor quer que ela num vai botar no mundo mais ninguém pro senhor dar de comer e vestir” (WALKER, 2018, p. 19), atribuindo a ela jargões insultantes, para a inferiorizar; um destes é descrito nas citações e está frequentemente em pauta, como a falta de beleza da personagem Celie. Podemos encontrar uma explicação para o tema beleza nas afirmações de Schubert (2009, p. 1): “A busca do lindo, da beleza, do bonito, do esteticamente belo é tão antiga quanto à existência da humanidade. Diferentes épocas e culturas têm seus modelos ou padrões específicos de beleza por meio dos quais dizem dos seus gostos e preferências estéticas”. Deste modo, a beleza de certa maneira tem grande influência na vida do ser humano. No entanto sabemos que com estes padrões, geralmente se cobra mais da beleza feminina do que da masculina.

Observamos no romance de Walker que as personagens consideradas “mais bonitas” são vistas de forma diferente da principal personagem. Podemos compreender este contraste na vida das irmãs, Celie e Nettie, nos tratamentos do padrasto quando as compara: “Ela é feia. Nem parece irmã da Nettie” (WALKER, 2018, p. 19), este comentário nos revela como Alphonso faz este tipo comparação, assim, decrescendo Celie, por considerá-la feia e sua irmã bonita. Mais adiante, a narrativa também expõe comentários que Albert faz exaltando a beleza de sua cunhada, Nettie: “Sua pele. Seu cabelo. Seus dentes. Todo dia tem uma coisa nova pra gente admirar” (WALKER, 2018, p. 31), assim como Nettie, Shug também é reconhecida por sua beleza, Celie relata: “E Sinhô olhando pra pele preta de Shug no vestido vermelho justo, os pé dela nos sapatinho vermelho provocante. O cabelo dela resplandecendo em ondas” (Ibid., p. 93). Assim, nos é transmitido que Shug é admirada por Albert. A forma que é descrita o modo que ela se vestia também a enobrece por descrevê-la como “provocante”.

Além destas observações atribuídas à beleza, vemos mais uma passagem do livro que Albert faz comparações entre Celie e Shug quando Celie diz que vai embora da sua casa:

Você vai voltar, ele falou. Num tem nada lá no Norte pruma pessoa como você. Shug tem talento, ele falou. Ela canta. Ela tem garra, ele falou. Ela pode falar com qualquer um. Shug faz vista, ele falou. Quando ela levanta as pessoa olham pra ela. Mas você, o que que você têm? Você é feia. [...] Tudo o que você pode conseguir lá em Memphis é ser empregada da Shug. Botar o lixo dela pra fora e quem sabe fazer a comida. [...] E também ninguém é tão louco ou atrasado pra querer casar com você (WALKER, 2018, p. 242).

Observamos então que a beleza que Albert vê em Shug faz imaginar que a vida abra caminhos para ela e que Celie nunca a alcançaria nestes espaços, afirmando: “Você é feia”, o que entendemos que para ele esta é a característica principal a qual uma mulher deve ter, pois ainda conclui: “o que você têm?”, levando-nos à compreensão de se ela não tem beleza não teria mais qualidades, pois para ele, esta falta de beleza também a impediria de casar-se, e que a única coisa que Celie conseguiria seria ser empregada de Shug.

Além deste trecho que transparece esta diminuição, notamos mais um olhar de inferioridade de Sinhô a Celie: “Ele olhou pra mim. Parecia que tava olhando pro chão” (WALKER, 2018, p. 35). Esta priorização a beleza nos leva a entender que a mulher serve principalmente como objeto de adorno; comprovamos isto quando Albert pede a Alphonso a mão de Nettie em casamento. Porém, Alphonso recusa e oferece Celie; eles conversam e Albert decide aceitar a proposta, dizendo: “Bom, o senhor sabe, meus piqueno bem que precisam de uma mãe” (WALKER, 2018, p. 19) e concluímos que Albert casa com Celie por necessidade e não por sentir alguma atração por ela.

Notamos que Celie não tinha escolha de decidir se queria casar-se ou não com Albert, uma vez que o ser masculino detinha controle sobre sua vida. Assim, podemos perceber que as desigualdades entre os gêneros oferecem ao homem o poder de se apropriar da vida da mulher, e esta dominação gera a objetificação do dominado, como podemos compreender a partir de Mary Anne Ferguson, que aponta que:

A mulher ostensivamente em um pedestal é, na verdade, uma vítima – uma "deusa do sexo". As mulheres que sacrificam seu tempo, dinheiro e autoestima para viver de acordo com definições culturais de beleza podem, por algum tempo, sentir-se exaltadas, mas à medida que envelhecem, elas são prontamente descartadas. Muitas vezes elas percebem com amargura que elas foram usadas, que para os homens elas têm sido objetos sexuais. Qualquer mulher que receba atenção sexual indesejada de um homem está sendo reificada, transformada em um objeto, mesmo que o homem seja um paquera ou um marido (FERGUSON, 1991, p. 265).<sup>3</sup>

Esta dominação diminui o ser feminino, construindo o caráter de submissa de forma implícita e exemplo disso é quando o padrasto de Celie a oferece para casar com Albert, descrevendo-a como trabalhadora e limpa, assim transmitindo a ideia de que ela serviria como objeto para suprir as necessidades domésticas do seu futuro esposo. Estas concepções de dominação masculina são construídas historicamente, como afirmado por Bourdieu (2002) nos levando a pensar que, assim como podemos associar a Celie, diversos sujeitos passaram (e passam) por esta dominação, de forma submissa, onde as próprias vítimas aceitam e se adequam com a situação. De suas afirmações, é percebido que esta condição se perpetua não só na vida da mulher negra, mas na vida das mulheres em geral e também dos mais diversos tipos de oprimidas.

Sabendo que a história da mulher teve diversas mudanças ao longo do tempo, as quais vêm ocupando diversos espaços que antes eram exclusivamente masculinos, notamos que grande parte destas mulheres ainda não conquistaram liberdade, autonomia, direito de expressão, nem tão pouco emancipação para satisfazer suas próprias vontades. Desta forma, as mulheres tornam-se inferiores ao sexo oposto, como afirma Simone de Beauvoir, ao discorrer sobre o que é ser mulher em detrimento de ser homem, em seu livro *O Segundo Sexo 1* (lançado em 1949), diz que:

---

<sup>3</sup> No original: The woman ostensibly on a pedestal is often, in fact, a victim—a "sex goddess". Women sacrificing their time, money, and self-esteem to live up to cultural definitions of beauty may for a time feel exalted, but as they age they are promptly discarded. Often they perceive with bitterness that they have been used, that to men they have been sexual objects. Any woman who receives unwanted sexual attention from a man is being reified, made into an object, even if the man is a date or a husband.

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocabulário latino *vir* o sentido geral do vocabulário *homo*. A mulher aparece como negativo, de modo que toda determinação lhe é amputada como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 2009, p. 18).

Assim sendo, Beauvoir, nos leva a uma reflexão a respeito das diferenças entre os gêneros, as quais são construídas socialmente, determinando uma discussão de inferioridade da mulher, remetendo-as a uma cultura de diversos preconceitos em relação ao sujeito feminino em comparação ao masculino. Esta cultura continua enraizada na contemporaneidade e traz diversas consequências. Embora obra de ficção, *A Cor Púrpura* oferece um retrato das relações de dominação de gênero, classe e raça que estão ainda presentes na sociedade. Observa-se a dominação de gênero, do comportamento feminino submisso e do sujeito masculino diante dessa dominação na obra de Walker, reforçado por Isik em sua tese: *Black Feminism in Alice Walker's The Color Purple*:

Um pouco mais tarde, Nettie escreve para Celie que isso também a faz lembrar do modo como o padrasto as tratou: “Há uma maneira pela qual os homens falam com as mulheres que me lembra muito de Pa[i]. Eles ouvem apenas o tempo suficiente para dar instruções. Eles nem sequer olham para as mulheres quando elas estão falando. Eles olham para o chão e abaixam a cabeça. As mulheres também não “olham na cara de um homem”, como dizem. Pois “olhar na cara de um homem” é algo descarado a se fazer. Eles olham para seus pés ou joelhos. E o que posso dizer disso? Mais uma vez, é nosso comportamento em torno de Pa[i]” (146-147). É claro que os homens descritos no romance estão controlando suas esposas, que é um exemplo dos papéis existentes de gênero e dominância masculina na sociedade americana (ISIK, 2017, p. 27-28. Tradução nossa).<sup>4</sup>

Como destacamos acima, o homem se coloca superior a mulher, e a obra também faz menção a este comportamento tradicional quando Nettie escreve pra Celie, descrevendo os costumes dos Olinkas (povo que vivia numa aldeia africana, onde Nettie estaria passando um tempo), comparando estas a forma que elas eram tratadas pelo padrasto (primeiro homem que elas tiveram convivência). Voltamos nossa atenção a esta determinação masculina que atravessa fronteiras, visto que Nettie se encontra na África, e lá também se depara com comportamentos culturais similares, os quais elevam o ser masculino, assim como

---

<sup>4</sup> No original: A little later, Nettie writes Celie that this also reminds her of the way their stepfather has treated them: “There is a way that the men speak to women that reminds me much of Pa. They listen just long enough to issue instructions. They don’t even Isik look at women when women are speaking. They look at the ground and bend their heads toward the ground. The women also do not ‘look in a man’s face’ as they say. To ‘look in a man’s face’ is a brazen thing to do. They look instead at his feet or his knees. And what can I say to this? Again, it is our own behavior around Pa” (146-147). It is clear that the men described in the novel are controlling their wives, which is an example of the existing gender roles and male dominancy in American society.

observamos na cultura americana, onde os seres masculinos se comportam de forma superior ao feminino.

Observamos quando Nettie descreve que os homens só se direcionam as mulheres para ditar ordens e controlar o comportamento do gênero oposto. Ademais, a autora Isika afirma que o ser masculino está no controle do feminino, deste modo, como dominador. Ela completa sobre as dimensões de opressão também encontradas na sua tese que: “Embora a dimensão política pode não ser tão claro à primeira vista, é definitivamente presente de uma maneira em que as mulheres são tratadas como as menores pessoas na sociedade americana” (ISIK 2017, p, 29). Portanto, temos Celie a representar a diminuição da mulher no século XX e as questões que as levavam a sofrer preconceitos, estando então incluídas na subalternização feminina e seus tipos de opressões, estas discriminações estavam presentes na sociedade machista, como também na casa em que a personagem vivia, demonstrando trajetórias de sua vida, os relacionamentos abusivos que ela sofrera, e a dominação masculina que a inferiorizara ainda mais.

### **3.1 Preconceito e exclusão: ser mulher, ser negra, ser pobre**

Em *A cor púrpura* notamos mecanismos de opressão racial e de gênero. Além da desigualdade de gênero, o racismo também se destaca no enredo, pois é notório um olhar de superioridade tanto dos homens quanto das mulheres brancas com relação as negras “[...] a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo. [...] A estratificação necessária da constituição do sujeito colonial na primeira fase do imperialismo capitalista torna a categoria “cor” inútil como um significante emancipatório” (SPIVAK, 2010, p. 85). Assim, percebemos que o sexo feminino, mesmo compartilhando da luta ao sexo oposto, não compartilha das mesmas ideias quando se tratava de cor, uma vez que,

A mulher negra, além de enfrentar a submissão ao homem negro, procura iguais condições em relação à mulher branca. Essa situação que encontra explicação nas marcas históricas do modelo escravocrata nos Estados Unidos perpassa a obra de Walker, ficando evidente no episódio em que Sofia, símbolo da resistência à submissão ao homem negro, conforme apontamos, também tenta resistir à condição de empregada de uma mulher branca (SEDRINS; SIBALDO; LIMA, 2005, p. 4)

Deste modo, *A Cor Púrpura* leva seu leitor refletir que além de existir a diferença entre os gêneros, há também a desigualdade racial, em que as mulheres são desrespeitadas além de suas casas até por pessoas do mesmo gênero, como no trecho a seguir com outra personagem da obra, Sofia:

Ela falou pra Sofia, Todas as criança sua são tão limpa, ela falou, você num quer trabalhar pra mim, ser minha empregada?  
 Sofia falou, Diabos não.  
 Ela falou, O que você falou?  
 Sofia falou, Diabos não.  
 O prefeito olhou pra Sofia, puxou a mulher dele da frente. Esticou o peito. Moça, o que foi que você falou pra Millie?  
 Sofia falou, Eu falei, Diabos não. Ele deu um tapa nela (WALKER, 2018, p. 107).

Na citação acima observamos Sofia, esposa do filho de “Sinhô”, enfrentando a imposição causada pela hierarquia da esposa do prefeito, Millie. Em resposta a este “ato petulante” o prefeito utiliza do seu papel social enquanto homem branco e político, para corrigir a rebeldia. Sofia ao longo da narrativa demonstra sua resistência à dominação masculina a todo instante. Um exemplo disso foi sua decisão de separar-se do marido que queria comandá-la, mas mesmo não aceitando estas atitudes do marido, não consegue transpor as barreiras raciais praticado por aqueles que estão na mais alta escala da sociedade, sendo presa por desacato, mas não sem antes deixar uma marca: “Sofia derrubou o homem” (ibidem, p. 108), conta Celie.

Percebemos que a obra como forma de resistência aos pensamentos sexistas, políticos e tradicionais, que tem como finalidade um padrão social machista, estabelecido como um exemplo a ser seguido, no qual recrimina e exclui qualquer tipo de pessoa que caminhe contrário a este padrão, por isso Celie sofre preconceitos por não fazer parte desse grupo reconhecido vivendo marginalizada. Observamos no romance, mais um tipo de exclusão, citado no livro de Isik, quando a escritora reforça que: “Celie não recebe educação adequada, porque ela é tirada da escola por seu padrasto quando ela engravida. Ela é apenas alfabetizada porque sua irmã Nettie ensinou como ler e escrever”<sup>5</sup> (ISIK, 2017, p. 29. Tradução nossa), como na citação a seguir:

Quando eu vi, a dona Beasleytava na nossa casa pra tentar conversar com o pai. Ela falou que desde que ela era professora nunca tinha visto ninguém querer aprender tanto quanto a Nettie e eu. Mas quando o Pai me chamou e ela viu como meu vestido tava apertado, ela parou de falar e foi embora (WALKER, 2018, p. 22).

Neste exemplo de exclusão, podemos notar que a professora não insiste que Celie permaneça na escola quando percebe que ela está grávida. Imaginamos que a professora tenha agido desta forma induzida pelos conceitos de uma sociedade com pensamentos machistas. Assim, podemos reforçar que o preconceito está exposto na obra, pois como visto, a

---

<sup>5</sup> No original: Celie does not receive proper education, because she is taken from school by her stepfather when she becomes pregnant. She is only literate because her sister Nettie taught her how to read and write.

questão racial é tão forte quanto a de gênero e percebemos através deste tópico que a condição de ser mulher, negra e pobre faz da personagem uma pessoa ainda mais excluída.

#### 4 A HISTÓRIA DE UMA OPRIMIDA À CONTRAPELO

No capítulo do seu livro *Magia e Técnica, Arte e Política* (1987), intitulado “Conceito de História”, Walter Benjamin trabalha o conceito ao pensar o passado, teologia, luta de classes e cultura. A obra de Walker que apresenta estas características, somando e descrevendo a condição do indivíduo silenciado. Nossa protagonista Celie nos relata sua vida de opressão por ser mulher, onde a verdade sobre o mundo é escrita por brancos de classe social alta. Em contrapartida, a personagem Celie através de cartas expõe sua história da luta entre gêneros e da inferioridade que ela sofre com toda esta vida de opressão que a cerca. Desta forma, Walter Benjamin, apud SOARES, (2012, p. 95), propõe perceber a história de baixo para cima.

[...] as teses sobre o conceito de história propõem uma visão histórica “do ponto de vista dos vencidos”, das classes oprimidas. Sob este prisma, a história nada mais é do que uma sucessão de derrotas, de opressão e de esmagamento do dominado por seu dominador maior: o fascismo. Capaz de dominar e manipular multidões populares [...]. (SOARES, 2012, p. 3)

A autora se refere ao modo coletivo de uma sociedade entre o dominador e o dominado, onde um indivíduo mantém poder de dominação sobre outro, assim como personagens Alphonso e Albert (padrasto e esposo), dominadores da vida de Celie, pois estes diminuíam e inferiorizavam a personagem, exercem seu poder através das palavras, fazendo-a desacreditar nos sujeitos do sexo masculino como “forma divina”, como mostrados no trecho a seguir:

O Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem que eu conheço. Trapaceiro, esquecido e ordinário. Ela falou, Dona Celie, é melhor você falar baixo. Deus pode escutar você. Deixa ele escutar, eu falei. Se Ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir (WALKER, 2018, p. 227).

Esta passagem mostra a universalização da opressão masculina por parte da personagem, fazendo com que todo homem seja exaltado como uma divindade. Mostrando como essa violência se torna tão intrínseca refletindo a dominação masculina quando ela se autocritica e diminui, colocando-se, de certa maneira, indigna aos olhares de Deus, quando diz ser “uma pobre mulher negra”, acaba por dizer-se não ser foco da “benevolência” do divino. Além de se sentir oprimida não só pelos que estão a sua volta, Celie também se sente tão

esquecida ao ponto de acreditar que nem Deus a escuta, afinal, acredita que Deus a esqueceu, em virtude de achar que Ele é um ser masculino, colocando-o no mesmo patamar destes, e o sujeito masculino foi detentor principal de todo sofrimento que marcou sua vida.

Esta descrença fez com que Celie se aproximasse ainda mais de sua irmã Nettie, a qual desde o início a incentiva a não precisar se submeter a homem nenhum, principalmente quando diz: “Não deixa eles dominarem você, a Nettie fala. Você tem de mostrar pra eles quem é que manda. Eles é que mandam, eu digo. Mas ela continua. Você tem de brigar. Você tem de brigar” (WALKER, 2018, p. 31). Aqui entendemos que Nettie irmã de Celie não se conforma com a vida que a irmã leva, e aconselha para que tente inverter a situação, no entanto, Celie não tem perspectiva de mudança, nem encontra forças para lutar, tornando-se uma pessoa que acaba por aceitar um comportamento submisso, pois, isso foi o que lhe transmitiram desde a sua infância. Assim, sua personalidade e identidade são construídas de forma doutrinada, primeiro pelo seu pai e depois por seu esposo, através dos seus conceitos machistas, ao qual Celie se adapta e vive grande parte da sua vida a aceitar, pois, assim como nos afirma Walter Benjamin (1987), encolerizar-se era a reação cujos vestígios estavam sendo abolidos na sociedade, a este pensamento concluímos que, em alguns casos, as mulheres se adaptam a sua realidade, onde não questionam, apenas aceitam: “Mas eu não sei como brigar. Tudo que eu sei fazer é continuar viva” (WALKER, 2018, p. 31). Esta era uma das respostas mais frequentes que Celie usava quando alguém lhe aconselhava a mudar de vida, pois o fato de conseguir manter-se viva num ambiente ao qual ela era menosprezada a todo momento já era de grande valia para ela, estando a fazer tudo que o dono da casa e seus filhos queriam, satisfazendo a todos, mas nunca as suas vontades.

Celie não tem liberdade nem autonomia para satisfazer suas próprias vontades, como vemos num diálogo entre ela e Shug a respeito de Albert:

Você gosta de dormir com ele? Eu perguntei. Gosto, Celie, ela falou, eu tenho que confessar. Eu adoro. Você não? Não, eu falei, Sinhô pode dizer proê, eu num gosto de jeito nenhum. Como é? Ele trepa encima da gente, levanta a camisola até minha cintura, infia. Na maioria das vezes eu fico imaginando que num tô lá. Ele nunca repara a diferença. Nunca me pergunta como eu me sinto, nada. Só faz o negócio dele, sai, vai dormir.  
Ela começa a rir. Faz o negócio dele, ela fala. Faz o negócio dele. Ora, Dona Celi. Do jeito que você fala parece que ele vai ao banheiro em você.  
É assim que eu me sito, eu falei (WALKER, 1986, p. 92).

Assim percebemos que Celie é tão dominada a ponto de fazer o que não gosta para suprir os desejos sexuais de Albert, desse modo “a necessidade biológica – desejo sexual e desejo de

posteridade – que coloca o macho sob a dependência de fêmea não libertou socialmente a mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 21), sendo assim, notamos que todas as decisões de sua vida eram tomadas por outrem, e ela não encontrava saídas para relações abusivas em que esteve, mesmo com toda sua insatisfação, levando uma vida de sofrimentos, opressões e rejeições ocasionadas pelos homens que cruzaram seu caminho, antes seu padrasto, depois seu esposoos qual ela era submissa. Estes nunca a trataram de forma afável, “Nunca ninguém gostou de mim, digo” (WALKER, 2018, p.136).

A escritora Alice Walker nos transmite nesse romance a vivenciada vida de tantas pessoas de antes e de hoje, focando principalmente no século XX, época a qual se passa a história. Tornando visíveis as principais questões relacionadas à opressão, assim fazendo da obra uma súplica pela igualdade de direitos e reconhecimento social, Spivak explica que:

A historiografia subalterna traz a tona questões de método que a impediriam de usar tal artifício. Com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres, as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos (2010, p. 66).

Portanto, assim como propõe Walter Benjamin: “Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado” (BENJAMIN, 1987 p. 257), para isto, Walker usou de sua personagem Celie como metáfora de vivências cotidianas que transpassam a temporalidade do romance analisado. A autora faz uma história a contrapelo e nos mostra que o subalterno pode falar, às vezes não com tanta força, ou até sem som algum, mas sempre quando consegue expor suas dores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho destacamos a vida subalterna da protagonista principal Celie, em *A Cor Púrpura*, e apontamos percepções do que a mulher vivenciou na segunda metade do século XX, estando em uma sociedade de conceitos machistas. Aprofundando esta vivência a vida da mulher negra, enfoque no gênero, raça e condição social, este artigo também destaca as várias formas de preconceito direcionados a estas mulheres, as quais estão presentes no romance.

Assim sendo, percebemos que Alice Walker teve como foco principal abordar a vida da mulher negra na sociedade tradicional, atribuindo a personagem Celie aspectos que esta sociedade não valoriza, como, por exemplo, o ser mulher, a cor da pele negra e a classe pobre. No romance, a escritora atribui a protagonista o papel de representar os oprimidos, deste modo,

também excluídos do grupo social. Analisamos no romance a vida de Celie, e observamos as questões de opressão e diminuição dos seus dominadores, preconceito racial e as principais causas pela qual ela sofre exclusão.

Concluimos, então, que a autora do livro deu voz a personagem para narrar a história das oprimidas, levando-nos à uma reflexão sobre a condição da mulher negra a partir da narrativa de Celie. Compreendemos com o romance, que Walker torna visível as principais questões que levam a opressão, diminuição, rejeição e o silenciamento da mulher diante a sociedade. Percebemos que a principal personagem não tem voz, mas o romance por ser epistolar lhe confere o direito de ser “escutada”; assim, é possível enxergar no trabalho de Walker uma forma de resgate, fazendo valer o que disse Walter Benjamin: “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido” (1987, p. 223), expomos a descrição da narradora da história, com o intuito de encontrarmos meios de inverter esta tradição, como também abrir os olhos e a mente do leitor, assim criando uma possibilidade de que o futuro de muitas mulheres possa vir a ser diferente.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol. 1: fatos e mitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas v. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 114-119.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de História. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas v. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 222-234.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhnner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DJOKIC, Aline. **A Cor Púrpura: o amor segundo Alice Walker**. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/09/24/a-cor-purpura-o-amor-segundo-alice-walker/>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

FERGUSON, Mary Anne. The sex object. In: **Images of woman in Literature**. Fifth edition. Boston: Houghton Mifflin, 1991.

ISIK, Dilara. **Feminism in late 20th century american literature: Black feminism in Alice Walker's *The Color Purple***. Georgetown University: Bachelor Thesis American Studies, 2017. Disponível em:

<[https://theses.uhn.ru.nl/bitstream/handle/123456789/4597/Isik%2C\\_D\\_1.pdf?sequence=1](https://theses.uhn.ru.nl/bitstream/handle/123456789/4597/Isik%2C_D_1.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 31 mar. 2019.

SCHUBERT, Claudio. A construção do conceito estético Ocidental e sua implicação na formação valorativa e no processo educacional. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: **X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Blumenau, 28 a 30 de maio de 2009.

SEDRINS, Adeilson ; SIBALDO, Marcelo Amorim;LIMA, Rafael Bezerra de.As relações entre gênero e raça em A cor púrpura, de Alice Walker:A caminho da descoberta da feminilidade de Celie. Paraíba: **Revista ártemis**, v. 3, dez. 2005.

SOARES, Renata Ribeiro Gomes de Queiroz. Sobre conceito de história em Walter Benjamin. In: **Vértices**. Campos dos Goytacazes/RJ, v. 14, n. 1, p. 93-102, jan/abr, 2012.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?**Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALKER, Alice. **A Cor Púrpura**. Tradução deBetúlia Machado, Maria José Silveira e PegBodelson. 15°. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.